

Pesquisa e formação em educação musical*

Graça Mota

Professora-Coordenadora – Área de Música
Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico do Porto
e-mail: gmota@mail.telepac.pt / gmota@ese.ipp.pt

Resumo. A presente conferência aborda as relações entre a pesquisa e a formação de educadores musicais, começando por situar a música no mundo contemporâneo, o seu papel no quotidiano e na emoção e a especificidade da sua fruição por parte dos jovens. Apresenta como referenciais teóricos o pensamento de Jerome Bruner e a sua contribuição em termos de uma psicologia cultural contextualizada, e as reflexões mais actuais de John Sloboda quanto ao papel da educação musical face a um conjunto de tendências culturais dominantes no mundo de hoje. Traça, a partir daqui, uma relação fundamentada entre pesquisa e formação e apresenta propostas para uma renovação curricular nesta área, ancoradas no desafio a uma discussão mais alargada sobre as múltiplas faces que poderá assumir uma educação musical contemporânea.

Palavras-chave: pesquisa, formação, educação musical

Abstract. The present keynote approaches the relationship between research and teacher training in music education, while situating the place of music in contemporary world, its role in everyday life and emotion, and the specific engagement of young people. The contribution of Jerome Bruner, and its cultural psychology, as well as the recent elaborations of John Sloboda on the role of music education faced with a set of key cultural trends, build the theoretical framework. On that basis, research and the training of music educators are approached in a connected perspective, and proposals for music education curriculum innovation are exposed. In this context, the challenge is made for a broad discussion about the multiple faces music education might assume in the future.

Keywords: research, teacher training, music education

“É mais fácil atingir a verdade através do erro
do que através da confusão”

Francis Bacon

* Foi mantida no texto a ortografia vigente em Portugal, país de origem da autora (N.E.).

Começo esta conferência por manifestar a minha alegria em estar presente neste vosso *XI Encontro Anual da ABEM* e por salientar o significado profissional e pessoal que este convite representa para mim. A possibilidade de contactar de perto com a realidade da educação musical no Brasil, a troca de ideias num âmbito que nos é a todos muito caro e ainda o facto de eu ser portuguesa e de partilharmos uma língua, torna este momento ainda mais precioso e lembra-me a necessidade absoluta de estabelecermos pontes entre os nossos dois países.

Eis-me perante o desafio de passar uma mensagem no âmbito da *Pesquisa e Formação em Educação Musical*, tema central deste encontro e também título desta minha comunicação. Vinda, por formação musical inicial, da área da *performance*, percorri um caminho que passou pelo ensino do instrumento e da educação musical para me situar hoje na formação de professores e na investigação, mantendo sempre o contacto, em complemento, com a interpretação musical, essencialmente na área da música de conjunto. Partindo desta multiplicidade de vivências profissionais, gostaria de organizar a minha conferência em torno de quatro aspectos. Não são exclusivos, nem sequer inéditos, apenas conjugam um olhar possível sobre o tema que nos traz aqui e nos ocupará por alguns dias. São eles:

A música no mundo contemporâneo

...em busca de um conceito de abrangência

Referenciais teóricos

... escolhas assumidas

Relação entre formação e pesquisa em educação musical

... uma relação dinâmica

As múltiplas faces de uma (possível) educação musical contemporânea

...uma perspectiva não dogmática

A música no mundo contemporâneo

A abordagem que proponho não se limita a uma visão do mundo contemporâneo em que o que está em causa é a música ocidental, branca e de classe média, essencialmente da cultura europeia ou por ela assumida. Refiro-me às músicas partilhadas em vários mundos e submundos, de múltiplas formas e em circunstâncias diversificadas, até mesmo cruzada via comunicação electrónica. Para situar a reflexão guiar-me-ei por alguns tópicos.

Música, quotidiano e emoção

Numa perspectiva interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar não é demais referir os papéis que a música desempenha nos nossos quotidianos, independentemente da nossa qualidade de sujeitos profundamente envolvidos com esta arte. A tomada de consciência deste fenómeno permite-nos verificar até que ponto esses papéis diversificados podem ou não colidir com a concepção que temos de educação musical e, no extremo, influenciá-la ao ponto de a tornar dispensável. Não raras vezes se têm levantado para referir e problematizar este desafio, quanto mais não seja para nos tornar cientes do significado e importância de lutar pela inclusão desta disciplina no currículo do ensino geral, baseando o nosso discurso numa argumentação estruturada (Elliott, 1995; Cook, 1998; Small, 1998; Green, 2001).

Perpassando a vida quotidiana mais do que qualquer outra área do saber, numa apropriação por vezes quase despudorada, a música apela à emoção, aspecto que tem vindo a interessar cada vez mais os psicólogos, no sentido de compreender esta íntima ligação, os processos que desencadeia e o como e o porquê de sentirmos que a música pode exprimir emoções. Em termos resumidos, a psicologia aborda estes fenómenos a dois níveis: fisiológico e fenomenológico (Sloboda; Juslin, 2001, p. 72). A abordagem fisiológica procura descrever percursos causais em termos dos mecanismos situados nos sistemas nervoso e endócrino ou em outras combinações de ordem biológica. Em contrapartida, a abordagem fenomenológica descreve percursos causais em termos das intenções, significados e interpretações que os indivíduos envolvidos atribuem aos seus próprios comportamentos. Esta última será, porventura, aquela em cujo patamar nos situamos, na medida em que se aproxima da necessidade de compreender os fenómenos que afectam de forma determinante a nossa relação com a música. Reconhecendo ainda a necessidade de relacionar a abordagem da psicologia com outras áreas afins, tais como a filosofia, a sociologia, a antropologia ou a musicologia, cabe-nos a nós, educadores musicais, retirar daqui as ilacções possíveis para um melhor entendimento daquilo que estará em causa quando as crianças e os jovens se relacionam quotidianamente com a música.

Os jovens e a música

A relação dos jovens com a música assume actualmente uma centralidade vital, ultrapassando largamente o poder da Educação Musical no con-

texto da educação formal. Surge como um meio categórico de construção da identidade e da autonomia através do qual, provavelmente aqui no Brasil tal como em Portugal, os jovens procuram de maneira independente as suas próprias formas de expressão musical, numa total separação da oferta que a escola proporciona neste domínio, por vezes, até, contra ela. Entre pares, partilham-se competências, buscam-se afinidades, numa aceitação natural de que uns podem ser em termos musicais mais conhecedores do que outros, podendo assumir, assim, uma óbvia liderança.

Neste contexto, assume já alguma importância o *papel da tecnologia*, com a possibilidade que confere aos jovens de “construir” e difundir a sua própria música, a qual, mesmo que influenciada por padrões estéticos adquiridos na cultura em que se insere, é reveladora da apropriação de uma linguagem com códigos perfeitamente estruturados. Cabe neste exemplo toda a música produzida através de meios electrónicos e em cujo processo não parece existir a necessidade da intervenção da educação formal. O estatuto da figura do DJ, como proprietário das suas próprias “misturas” musicais, bem como o valor que lhe é atribuído em manifestações musicais para consumo de massas, ilustram mais uma vez o que venho referindo.

As questões ora levantadas apontam para uma necessidade de repensar a educação musical contemporânea também à luz de importantes contributos teóricos.

Referenciais teóricos

Num dado momento da nossa vida profissional e académica, quando o percurso é já suficientemente longo e rico em experiências diversificadas, tornando possível olhar para trás e assumir o que já não queremos repetir e ao mesmo tempo distinguir os caminhos que ainda gostaríamos de percorrer e desenvolver, surgem naturalmente alguns referenciais que nortearam muita da nossa actuação e, porventura, continuarão a influenciá-la significativamente. Estão neste caso os dois autores que escolhi para esta conferência e que muito contribuíram para informar os últimos anos da minha prática como formadora de formadores e investigadora.

Jerome Bruner

Vindo de uma perspectiva mais estruturalista acerca da construção do saber, consignada, nomeadamente, no livro que o tornou conhecido em todo o mundo, *O Processo de Educação*, Bruner tem vindo a fazer um notável percurso de pensa-

dor atento à evolução do mundo, ao fenómeno da globalização e a todos os tipos de discriminação com efeitos directos nos conceitos de educação e cultura. Hoje situa-se numa perspectiva em que se realça “a natureza e a modelagem cultural da criação de significado e o lugar central que esta ocupa na acção humana” (Bruner, 1997, p. 11). A centralidade do papel da cultura perpassa todo o seu trabalho, num voltar de costas à ideia de que o estudo da actividade humana, por si só, permitiria explicar todo ou quase todo o comportamento humano. Pelo contrário, Bruner hoje defende que “a cultura configura a nossa mente, fornece-nos os instrumentos com que construímos não só os nossos mundos mas também as concepções do nosso “self” e dos nossos poderes” (Bruner, 1996, p. x). Daqui o reconhecimento de que as questões de educação terão que estar intimamente ligadas com as que envolvem a criação de uma nova *psicologia cultural*, ou seja, negociar significados, construir o “self” e o sentido de pertença, adquirir competências simbólicas e, especialmente, “situar” toda a nossa actividade mental (Bruner, 1996, p. x). Através da participação na cultura, o significado torna-se público e partilhado, permitindo o encontro consigo mesmo, adquirindo formas de trabalho comum em sistemas simbólicos que caracterizam uma dada cultura. Por fim, numa psicologia cultural, a acção assume um papel central, mais propriamente a *acção situada* “num âmbito cultural e na interacção mútua dos estados intencionais dos participantes” (Bruner, 1997, p. 29).

No sentido de relacionar estas ideias com o pensamento que aqui venho desenvolvendo, importa afirmar ainda de acordo com Bruner que

a Educação tem lugar muito para além das salas de aula, à volta da mesa com a família enquanto se partilha a compreensão do que aconteceu durante o dia, quando as crianças se inter-ajudam na tentativa de compreender o mundo dos adultos ou nas interacções entre o mestre e o aprendiz. Deste modo, não há nada mais apropriado para testar uma psicologia cultural do que a prática educativa (Bruner, 1996, p. xi).

Considero que o contributo teórico de Bruner pode representar um ponto de convergência importante para uma reflexão acerca do papel da educação musical, relacionando-o com a perspectiva cultural apresentada.

John Sloboda

John Sloboda é psicólogo e músico. Criou na Universidade de Keele, Reino Unido, uma Unidade para o Estudo das Competências e Desenvolvimento Musicais, a qual vem produzindo um trabalho significativo nestas áreas desde o início

dos anos noventa. Paralelamente à sua brilhante carreira académica tem vindo a desenvolver um empenhamento cívico notável como lutador pela paz no mundo. Recentemente, apresentou uma reflexão sobre o lugar da educação musical na sua relação com a emoção e funcionalidade da experiência musical quotidiana. Pela sua relevância em termos deste debate passo a expor as suas ideias.

Sloboda (2001) começa por citar algumas investigações recentes que, embora levadas a cabo no Reino Unido, vêm chamando a atenção para algo que se verifica também em outros países:

- a) muitos professores de Educação Musical nas escolas demonstram pouco respeito ou compreensão pelas vidas musicais daqueles a quem ensinam;
- b) o entusiasmo musical e as aspirações de muitos jovens não são enquadrados pelos currículos;
- c) a transição da escola primária para a escola secundária põe em evidência o “separar das águas” entre os jovens e os seus professores de música;
- d) a música tem um papel crucial nas vidas de muita gente que se assume como “não-musical” e no cerne deste papel está a auto-construção emocional. (Sloboda, 2001, p. 243).

Se bem que uma boa parte destas questões venha a ser discutida regularmente em vários encontros de professores, o facto é que em termos da formação superior não parecem ter sido ainda encontradas outras vias que contemplem abordagens mais dinâmicas em currículos de futuros docentes de educação musical. Sloboda sugere que mesmo tendo em conta a liberalização curricular levada a cabo entre 1960-1980, e na qual a música foi também objecto de alguma abrangência quanto à inclusão de outros géneros e estilos (*pop*, *jazz*, músicas do mundo, etc.), não estamos perante uma mudança de fundo:

[...] qualquer que seja a abrangência curricular, a Educação Musical deve permanecer controlada por aqueles que passaram por uma formação clássica, já que esta representa o cume da pirâmide musical à qual, em última instância, todos aspiram (Sloboda, 2001, p. 249).

Para, de algum modo, explicar o colapso de uma agenda que parecia adquirida entre os profissionais de música, Sloboda aponta aquilo a que chama “sete tendências culturais” que a seguir, sucintamente, se apresentam.

Multiculturalismo

A história do pós-guerra revela sociedades cuja cultura já não pode ser definida apenas de acordo com o cânon clássico. Tal posição é cada vez mais identificada como xenófoba e marginal a uma realidade cultural muito mais diversificada.

Cultura juvenil

Os jovens definem cada vez mais a sua própria agenda cultural, independentemente da dos adultos. Tal é ainda mais verdade em áreas artísticas como a música, em que as competências se desenvolvem fora do sistema formal de ensino (como aliás já aqui foi sugerido).

Comunicação electrónica

As instituições de ensino já não são as únicas detentoras do acesso a meios mais sofisticados de experiência musical. Os jovens dispõem cada vez mais de possibilidades de criar os seus próprios “mundos” musicais através de uma escolha tecnológica sem precedentes.

Feminismo

O movimento feminista tem profundos efeitos na cultura. Aparentemente, o seu maior contributo reside no facto de influenciar a progressiva substituição de um paradigma hierárquico por um paradigma democrático, em termos da organização cultural. Em termos musicais, tal vem-se fazendo sentir em áreas predominantemente dominadas por homens, como é o caso da composição e da direcção de orquestra.

Secularização

O cristianismo (bem como outras formas de organização religiosa) parece ter sofrido um declínio maciço enquanto força social capaz de aglutinar os jovens e determinar uma boa parte da sua conduta cultural. A actividade musical organiza-se cada vez mais em torno de decisões pessoais e emocionalmente determinantes. Experiências como o coro de igreja deixaram progressivamente de constituir local de passagem e formação musical obrigatório (exemplo típico dos coros de crianças no Reino Unido).

Culturas marginais

Na era da comunicação electrónica, as afinidades musicais ultrapassam fronteiras e os jovens podem partilhar os seus “interesses especiais” com outros jovens do outro lado do mundo. Geram-se assim “nichos” culturais com carácter mais ou menos marginal independentemente de uma qualquer proximidade geográfica.

Pós-modernismo

Estas tendências representam um conjunto de manifestações-chave da sociedade pós-moderna, caracterizada por um “mercado” cultural livre, mesmo anárquico, onde parece impossível que um

qualquer segmento adquira predominância cultural.

Será necessário salientar, como conclusão, que estas tendências culturais não serão válidas em todos os países da mesma forma e com uma incidência semelhante. Provavelmente, muito do que ficou exposto não tem aplicabilidade directa no vosso país e tem apenas alguma em Portugal. No entanto, e como sugere Sloboda, “a consequência da fragmentação cultural é que nós, educadores musicais, já não ocupamos um lugar privilegiado” (Sloboda, 2001, p. 251). Por outro lado, uma das assunções do pós-modernismo parece indicar que as condições para o restabelecimento de uma nova “ideologia cultural dominante” já não existem.

Relação entre formação e pesquisa em educação musical

Procurando integrar as propostas teóricas apresentadas, importa agora realçar a ligação pertinente entre a formação do professor de educação musical perante os desafios e a investigação como veículo de ligação entre a teoria e a prática. Na perspectiva de dar resposta a questões tão importantes como a necessidade de promover a qualidade musical face à emergência da tecnologia, por um lado, e a capacidade de transferência entre os vários tipos de desempenho musical, por outro, formar docentes investigadores parece ser o compromisso mais válido para assegurar que a formação não acabe com a entrega do diploma, mas se projecte num processo dinâmico de pesquisa continuada.

Investigar, neste contexto, será entendido essencialmente como um processo integrante da formação do futuro docente de educação musical, baseado na pesquisa de terreno, entendendo-se por tal os vários contextos em que o fenómeno musical acontece. Nesse sentido, propõe-se que seja diversificada, qualitativa, etnográfica e formativa. Diversificada porque é atenta a diferentes manifestações musicais, utiliza instrumentos adequados a cada situação e ecologicamente válidos. Qualitativa na medida em que se situa num paradigma não positivista, trata a realidade como um todo dinâmico em que a subjectividade é assumida e como tal interpretada e promove uma atitude de humildade perante o saber. Etnográfica porque descreve, iluminando os vários ângulos, cruzando diferentes fontes de informação e transmitindo, assim, toda a riqueza da situação de pesquisa. Finalmente, formativa porque pretende intervir, modificar e perspectivar alternativas ao status quo, característica, aliás, particularmente premente na área artística em que nos situamos e na formação de futuros formadores.

As múltiplas faces de uma (possível) educação musical contemporânea

Na parte final desta minha intervenção proponho um conjunto de ideias para concretizar uma (possível) educação musical contemporânea, algumas das quais fazem também parte da reflexão que Sloboda vem desenvolvendo neste domínio, e que já referenciei e outras que advêm da experiência que temos vindo a acumular no Curso de Professores do Ensino Básico, Variante de Educação Musical, da Área de Música da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

No momento presente, e de acordo com a postura teórica, pedagógica e investigativa que aqui defendi, não parece aconselhável apostar num tipo de currículo único para a formação de professores de educação musical. Promover, sim, a diversidade de ofertas, enquadrando diferentes realidades nacionais e regionais e diferentes públicos parece ser uma das linhas orientadoras no futuro. Por outro lado, a escola não deve nem pode estar desligada da comunidade em que se insere. Tal é válido não só para a instituição formadora de formadores, como também para a prática pedagógica nas instituições em que os estudantes desenvolvem o seu trabalho prático de preparação para a futura docência. A desejada ligação entre teoria e prática passa também por uma adequada avaliação da comunidade em que as crianças e jovens estão inseridos para que seja possível a escola assumir-se como um local em que a cultura musical traduz a sua envolvente e, por outro lado, desenvolve os seus próprios produtos musicais que devolve a essa mesma comunidade, desejar-se-ia, em forma de desafio.

É nesse contexto que devemos pensar os múltiplos papéis a atribuir aos educadores musicais. Alguns, entre os possíveis, serão os de fonte do conhecimento musical (a não negligenciar seja qual for o tipo de programa), mentor, animador, programador, compositor, e, evidentemente, *last but not least*, o de investigador. Facilmente se compreende que em todos está presente e assumida uma grande versatilidade, capaz de atender às necessidades individuais dos seus educandos e ir, humildemente, aprendendo com eles.

A partir daqui, várias trajectórias serão possíveis, incluindo o desenvolvimento de competências com objectivos a curto, médio e longo prazo, em combinação com projectos de maior ou menor fôlego. Aliás, cada vez acredito mais que uma formação centrada em projectos e não exclusivamente em conteúdos é aquela que permite uma mais significativa apropriação do saber, evidentemente

não descurando o trabalho de desenvolvimento musical aos mais variados níveis. Nesta perspectiva os meios estarão claramente ao serviço dos fins e não o contrário.

No domínio da interação propriamente dita na situação de ensino-aprendizagem, sugiro igualmente uma multiplicidade de situações que não apenas a de sala de aula. Visitas de estudo, concertos, *workshops*, planeamento de programas temáticos poderão envolver alunos e professores num processo não só mais dinâmico e participado como também, e sobretudo, propiciador de aprendizagens significativas e duradouras pela relevância pessoal e emocional de que se revestem.

Finalmente, será de referir que estas propostas acarretam inevitavelmente diferentes formas de acreditação da formação bem como diferentes

modelos de formação de educadores musicais. Esta é uma discussão que só agora começa em Portugal, e mesmo assim de forma muito incipiente. Após cerca de quinze anos de formação integrada de professores de educação musical, desenha-se agora a necessidade de repensar assunções tidas como completamente adquiridas, a partir de uma realidade que já não se compadece com um só modelo para uma escola única.

Gostaria de pensar que esta é uma caminhada para cujo percurso todos serão necessários e indispensáveis. É nesta perspectiva que mais uma vez agradeço a oportunidade que me foi dada de estar hoje aqui, partilhando pensamentos, ideias e preocupações comuns e, assim o desejo, construindo pontes de trabalho fecundo entre os nossos dois países.

Referências

- BRUNER, Jerome S. *The culture of education*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- _____. *Actos de significado*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- COOK, Nicholas *Music: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- ELLIOTT, David. *Music matters: a new philosophy of music education*. New York: Oxford University Press, 1995.
- GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate, 2001.
- SLOBODA, John. A. Emotion, functionality, and the everyday experience of music: where does music education fit? *MusicEducation Research*, Oxfordshire, v. 3, n. 2, p. 243-255, 2001.
- SLOBODA, John. A.; JUSLIN, Patrik. N. Psychological perspectives on music and emotion. In JUSLIN, Patrik; SLOBODA, John. A. (Ed.). *Music and Emotion: theory and research*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 71-104.
- SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Hannover NH: Wesleyan University Press, 1998.